

A GRUTA DE AMÉLIA ANTUNES MACIEL: ELEMENTO PAISAGÍSTICO DE UM JARDIM HISTÓRICO

ANNELISE COSTA MONTONE¹; ESTER JUDITE BENDJOUYA GUTIERREZ²

¹Universidade Federal de Pelotas – annelisemontone@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – esterjbgutierrez@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho se insere no âmbito de um estudo mais amplo, que no momento se intitula Os jardins de Annibal e Amélia Antunes Maciel: construção de espaços no sul do Brasil (1863-2013), na linha de pesquisa Patrimônio e Cidade do doutorado em Memória Social e Patrimônio Cultural, do Instituto de Ciências Humanas/Universidade Federal de Pelotas. Como tema central tem-se a análise da construção e conservação do espaço dos jardins da Chácara da Baronesa, em Pelotas, RS, sua representatividade na paisagem cultural urbana da cidade, em particular, e brasileira, no geral.

O local foi construído e idealizado por seu proprietário, o fazendeiro e charqueador pelotense Annibal Antunes Maciel (Barão dos Três Serros), na segunda metade do século XIX, trazendo manifestações românticas e clássicas características desse período.

A área passou por processo de patrimonialização, a partir do momento em que se tornou propriedade municipal, em 1978, transformando-se, então, em espaço público, assim como duas casas existentes na propriedade: a antiga residência, atualmente chamada de Museu Municipal Parque da Baronesa, e um sobrado de 1935. A chácara original possuía uma área de dez hectares e hoje conta com aproximadamente sete hectares. Após quatro anos de reformas promovidas pela Prefeitura, o museu foi inaugurado em 1982. Atualmente está vinculado ao organograma da Secretaria Municipal de Cultura.

No ano de 1985, os prédios e o parque, com respectiva área de sete hectares, foram tombados como patrimônio histórico e cultural do município, pelo Conselho do Patrimônio Histórico de Pelotas - COMPHIC. O processo de tombamento teve como base as cartas patrimoniais, que apontam princípios para conservação e restauração de monumentos históricos, como a Carta de Veneza, de 1964, e a Carta de Florença, de 1981, que ampliou a noção de monumento para os jardins históricos como “uma composição arquitetônica e vegetal que, do ponto de vista da história ou da arte, apresenta, um interesse público”.



FIG. 1. Museu da Baronesa. Fachada principal (Bittencourt, Laureano, 2002)

O prédio do museu, na Figura 1, manteve a tipologia de residência, abrigando peças doadas pela família juntamente com a casa e outras recebidas da comunidade ao longo dos trinta e dois anos de existência da instituição. O acervo traz representações de modos de vida, hábitos e relacionamentos do grupo social que se configurava como a elite pelotense, entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX.

Os jardins da antiga chácara deixaram como legado requintados elementos paisagísticos e arquitetônicos, com canaletes, ilhas, lagos, pontes, um castelinho, um chafariz, recantos e alamedas, variada vegetação e uma gruta. Esta última se apresenta como destaque desta proposta de estudo.

O espaço ajardinado foi construído sob os ditames do ecletismo do século XIX (GUTIERREZ, 2004), com manifestações românticas e clássicas e demonstrava, pelo requinte de seus arranjos paisagísticos, o poder econômico de seu idealizador, Annibal Antunes Maciel, o Barão dos Três Serros. Outro detalhe importante, que pode reforçar as fontes de inspiração para a construção dos jardins em estudo, é a estreita relação da família com a corte, pois a baronesa Amélia era natural do Rio de Janeiro e descendente de ingleses.

Os jardins da Chácara da Baronesa configuram-se como uma obra de arte a ser preservada, exemplar de uma forma de habitar. No século XIX a propriedade localizava-se fora da zona urbana de Pelotas. Segundo Reis Filho (2004), nesse período, morar na zona rural significava ter mais conforto do que nas cidades e vilas. As facilidades de abastecimento e serviços eram proporcionadas pelo espaço para a horta, criação de animais e obtenção de água.

Annibal, com formação em Ciências Físicas e Matemáticas criou um espaço que trouxe ao sul do Brasil o que de mais moderno acontecia no Rio de Janeiro imperial, como, por exemplo, técnicas utilizadas nas ornamentações e cenografias dos jardins ao estilo inglês.

Uma destas técnicas, a arte da *rocaille*, pode ser observada na gruta do Parque da Baronesa, conforme a Figura 2. Aparentemente feita de pedra, foi construída em alvenaria de tijolos e argamassa que imitava a natureza, oferecendo caminhos internos e escada de acesso à parte superior. A obra foi enfeitada com cristais brutos, como ametistas e ágatas, provavelmente vindas da região de Quaraí, no Rio Grande do Sul. Em seu interior ainda existe a inscrição “Amélia 1883” (Figura 3).



FIG. 2. Gruta do Parque da Baronesa (Montone, Annelise, 2012)



FIG. 3. Detalhe do interior da gruta do Parque da Baronesa
(Montone, Annelise, 2015)

Segundo Ribeiro (2014), a arte da *rocaille*, utilizou tecnologia das argamassas hidráulicas, existente na antiguidade romana e só recuperada e superada no século XIX, com o desenvolvimento do cimento Portland. Essa argamassa era suficientemente versátil e durável para permitir trabalhos escultóricos, como a reconstrução da natureza nos jardins românticos na forma de rochas, galhos e troncos de árvores, grutas, penhascos, etc.

2. METODOLOGIA

A metodologia, para embasamento da análise do elemento paisagístico apresentado, fundamentou-se na documentação existente no Museu Municipal Parque da Baronesa, em bibliografia sobre a técnica da *rocaille* e observação no próprio local.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A principal discussão envolve o enorme desafio de conservar esse elemento arquitetônico, que vem sofrendo deterioração ao longo de 132 anos. A ação das intempéries, do crescimento desordenado da vegetação - sem plano de manejo, do mau uso nos mais diversos aspectos e do roubo de seus preciosos cristais, fogem do âmbito da conservação preventiva. O conhecimento para sua restauração está cada vez mais limitado, pela inexistência de artífices habilitados para isso e pela falta de registros de sua forma original.

4. CONCLUSÕES

Se, num primeiro momento, já se observa a necessidade de ações de restauração, a análise desses aspectos pode justificar ao poder público municipal, mantenedor do local por mais de trinta anos, a urgência de estabelecer um plano de conservação preventiva, que envolva profissionais habilitados a lidar com a

diversidade de agentes danosos à gruta e aos demais elementos paisagísticos e arquitetônicos existentes no parque.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GUTIERREZ, Ester J. B. Barro e Sangue: mão-de-obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas. (1777-1888). Pelotas: Universitária, 2004.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Carta de Florença**, de maio de 1981. Acessado em 21 julho. 2014. Online. Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=252>.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Carta de Veneza**, de maio de 1964. Acessado em 21 julho. 2014. Online. Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=236>.

REIS FILHO, Nestor Goulart. O Quadro da Arquitetura no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 2004.

RIBEIRO, Nelson Pôrto e CASER, Karla do Carmo. A 'reconstrução da natureza' nos jardins românticos cariocas do século XIX: história e tecnologia. In: **III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. Arquitetura, cidade e projeto: uma construção coletiva.** São Paulo, 2014.